

Organização social da comunidade rural

EDGARD DE VASCONCELLOS

(Do Depto. de Economia Rural)

Não é possível — dadas as diferenças regionais que se podem assinalar, entre nós, de um município para outro, ou de um Estado para outro Estado — traçar um plano nacional de organização da comunidade rural, para o Brasil. Este problema, como muitos outros do domínio da Sociologia Rural, tem, no Brasil, um caráter quasi que local. Por esse motivo, pode-se dizer que falhará redondamente toda e qualquer tentativa de organização que pretender traçar normas gerais. Pois os fatores regionais que afetam a vida dessas comunidades são tão importantes e tão particulares que cada fazenda deverá ser estudada como um «caso», a parte. Nesse terreno, o pesquisador social terá que proceder como o médico, que na indagação da etiologia de uma moléstia, estuda cada indivíduo como um «caso sui generis», procurando restabelecer a saúde do doente, tendo em vista, ao lado de outros fatores, as suas condições personalíssimas, que, não raro, costumam dar à doença um «quadro próprio».

Cada moléstia se manifesta por um determinado número de sintomas gerais e é por meio desses sintomas que o clínico se orienta. Mas nenhum médico acredita hoje, que determinada moléstia se apresente sempre do mesmo modo em diferentes pessoas. No terreno da Sociologia, observa-se o mesmo. Há para cada problema social um certo número de sintomas gerais, que caracterizam formas definidas de desajustamento. Mas nenhum sociólogo hoje acredita que semelhante problema apresente sempre as mesmas características em dois ou mais lugares diferentes.

Portanto, dadas as nossas diferenças regionais, somos levados a concluir, injicialmente, que a organização de nossas comunidades rurais tem que ser um problema regional. Sem exagero, pode-se até mesmo dizer, que esta organização é um *problema local*, tal a diferença de condições que se observam, às vezes, dentro de um mesmo município.

Para elucidar bem esta questão, estudemos, por exemplo, em seus aspectos gerais, a organização do trabalho em nossas fazendas. Este, de um modo geral, se apresenta, entre nós, sob dois aspectos distintos: ou ainda não está organizado, ou está desorganizado. Si ainda não está organizado, a função do sociólogo é relativamente simples. Pois

em tal caso, urge, apenas, traçar, primeiramente, um plano seguro de *escolha e preparação* do homem que deverá aproveitar os recursos da terra.

Esta escolha não é, porém, uma operação, tão simples, como, à primeira vista, poderá parecer aos menos avisados. Pois, o homem para produzir trabalho constante e profícuo precisa, antes de tudo, estar perfeitamente ajustado ao seu «habitat». E como, no Brasil, as condições desse «habitat» variam sensivelmente, é preciso escolher entre os vários tipos étnicos, que constituem a massa de nosso povo, um que se ajuste perfeitamente a cada área geográfica. De acordo com as influências climáticas poder-se-á escolher, por exemplo, um colono ou um trabalhador rural adaptável a esta ou àquela região.

No Brasil estas influências climáticas são importantíssimas e, por isso mesmo, devem ser levadas em conta, na organização da comunidade rural.

Nas três zonas climáticas distintas, que o país apresenta à aclimação das etnias aqui existentes, cada colono, ou cada brasileiro se comporta de uma maneira peculiar. Há os que prosperam rapidamente nos Estados do centro e do sul e há, também, os que preferem as ardências dos Estados nordestinos e do norte. Mas, a par dessas diferenças climáticas gerais, existem, às vezes, dentro de um mesmo Estado ou de um mesmo Município, outras diferenças climáticas bastante sensíveis, determinadas por influência da altitude sobre a latitude. E para cada um desses ambientes climáticos existe um tipo étnico ideal. Em Minas é comum observar-se a prosperidade de determinados colonos em uma zona e o seu *fracasso* em outras. E em tais casos não é difícil justificar-se o fato, apenas pela falta de uma adaptação perfeita ao meio físico, ou pelo seu mau ajustamento às *condições climáticas*. Aliás, este fato já foi assinalado pelo ilustre sociólogo Oliveira Viana em seu livro *Raças e Assimilação*.

Os elementos nórdicos, diz ele, demonstram, entre nós, pouca capacidade de adaptação às regiões mezotérmicas, enquanto que os mediterrâneos revelam, neste particular, grande capacidade de adaptação aos climas tropicais.

Os primeiros, expostos às grandes temperaturas, ficam facilmente inervados e perdem uma grande parte de sua capacidade de trabalho. Além disso, apresentam logo na primeira geração sinais visíveis de degenerescência. O mesmo, porém, já não acontece com os elementos mediterrâneos, que nem mesmo na 3ª ou 4ª geração apresentam qualquer traço de enfraquecimento.

A propósito da influência dos climas sobre as raças, são bastante elucidativos os estudos feitos sobre a aclimação do nórdico na Austrália Tropical, na Índia, na África Inglesa e na América insular, como acentua o brilhante sociólogo acima citado.

Portanto, a escolha do homem para a comunidade rural é um problema social importante a ser resolvido. Isso quer dizer que a escolha do trabalhador rural não deve prender-se, apenas, a uma questão de simpatia pessoal por esse ou por aquele indivíduo, mas deve atender, de preferência, a estas razões profundas, que nos levam a preferir sempre o tipo mais adaptável a esta ou àquela região. Ao lado dessas preocupações, há ainda outras que devem ser consideradas, na escolha do homem rural. O grau de cultura e o preparo técnico do trabalhador são elementos que não devem ser também desprezados. Em geral as nossas fazendas fallham mais, pela falta de cultura ou de preparo técnico daqueles que a dirigem do que por deficiência da terra. Pois, nem sempre os que orientam o trabalho rural tem os conhecimentos necessários para fazê-la produzir economicamente. Em geral, desconhecem mesmos os mais comensinhos princípios de técnica do trabalho e por isso dissipam, inutilmente, tempo, esforço e capital em práticas anti-econômicas e, não raro, nocivas à produção. E isso demonstra que, na escolha do homem rural, a cultura e o preparo técnico do operário são fatores indispensáveis ao sucesso da comunidade rural. Faltando esses elementos, é preciso escolher indivíduos capazes de adquiri-los, no menor lapso de tempo possível. Neste particular, convem lembrar o sábio prólogo: «Papaio velho não aprende a falar».

Feita a escolha do homem rural, é necessário prepará-lo convenientemente para o desempenho de qualquer função. Antes disso convem examinar, previamente, a sua capacidade física, para depois encaminhá-lo a um trabalho qualquer. Pois, em muitos casos, não é satisfatório o trabalho do operário, apenas porque o fazendeiro exige dele um esforço muito superior à sua capacidade. O que se faz para o exame da *capacidade física*, deve-se fazer, também, para o exame da *capacidade mental*. E' de bom alvitre verificar, previamente, os pendores do trabalhador para esta ou aquela forma de atividade. Pois é sabido que o interesse pelo ofício suavisa as durezas de qualquer trabalho. E' preciso, pois, interessar vivamente o empregado na realização deste ou daquele serviço, para que a sua atividade seja, realmente, produtiva. Aquele que trabalha contrariado, ou se

julga deslocado de seu verdadeiro mister, ainda que desempenhe função suavíssima, se sente sumamente infeliz, no trabalho. Portanto, é preciso estudar as reações do empregado, em face dos estímulos que o trabalho rural lhe oferece. Feita esta classificação dos trabalhadores, segundo a capacidade física e o interesse de cada um, pode-se começar a sua preparação pelo treinamento técnico, na certeza de se alcançarem os melhores resultados. Sem isso, como pitorescamente costumam dizer os «ianquis», correr-se-á o risco de «querer colocar uma tampa redonda em uma vasilha quadrada».

A preparação deverá começar pelo treinamento técnico do empregado, pois já se foi o tempo em que se exigia do homem rural, apenas, capacidade muscular para o manejo de instrumentos grosseiros. Hoje, mais do que nunca, o homem que dirige o trabalho rural tem necessidade de habilidades técnicas, não só para realizar o trabalho, mas também para treinar os empregados. Sem o concurso da máquina, que, dia a dia, invade os nossos campos, é hoje impossível obter-se uma produção em grande escala e a baixo preço. Por outro lado, o trabalho mecânico veio suavizar, grandemente, o esforço do homem, no aproveitamento dos recursos da terra. E' certo que muitos trabalhos ainda não são feitos com o auxílio da máquina, no meio rural, mas a tendência, hoje em dia, é para tornar as atividades agrícolas, cada vez mais mecanizadas. Por isso o homem rural tem necessidade de adquirir habilidades mecânicas. Como, porem, levar às nossas fazendas essas habilidades? Somente por dois meios poderíamos levar a técnica à comunidade rural. Em primeiro lugar pela criação de aprendizados agrícolas, isto é, de instituições que difundissem a técnica gratuitamente, entre os nossos trabalhadores rurais, por meio de estágios, com treinamento intensivo. Neste caso, o Governo teria que criar, em diversos pontos do território, instituições deste gênero. Pois a técnica só se adquire, verdadeiramente, com o manejo dos instrumentos de trabalho. A manutenção dessas instituições não seria fácil e exigiria, por parte do Governo, o dispêndio de grandes somas. Mas, os aprendizados agrícolas, além de outras vantagens poderiam apresentar a da rápida difusão das habilidades técnicas, no meio rural.

O segundo meio de que podemos dispor para difundir a técnica é o da organização, em cada Estado, de algumas *comissões de técnicos*, com a atribuição de percorrer os municípios de determinadas zonas, fazendo demonstrações e treinamentos dos agricultores interessados. Estes técnicos

fariam, então, o papel dos *professores visitantes*. Seriam pagos pelo governo de cada Estado e perceberiam uma diária da municipalidade em que estivesse atuando. Ao lado disso, poderiam ainda encarregar-se de uma propaganda oral ou escrita dos métodos e das vantagens do emprego da máquina. Finalmente um serviço de cartazes e de boletins elucidativos completaria o trabalho desses técnicos. Assim, tenho a impressão, em pouco tempo teríamos reformado completamente o trabalho em nossas comunidades rurais.

Finalmente, a par dessas habilidades técnicas, necessário seria ainda proporcionar ao homem rural alguns conhecimentos científicos indispensáveis à proteção de sua vida, de sua saúde e ao melhoramento integral de sua produção. No primeiro caso, seria recomendável a difusão dos princípios de higiene sanitária, abrangendo a higiene corporal e a da habitação, noções de alimentação racional e meios de defesa contra os agentes patogênicos do meio etc. Finalmente, com relação ao melhoramento de sua produção, poder-se-ia divulgar, largamente, uma série de noções sobre conservação do solo, escolha do terreno, adubação, seleção de sementes, hibridação, medidas de combates a pragas e moléstias etc. etc.

No dia em que se conseguir isso, de maneira sistemática e intensiva, ter-se-á reformado a comunidade rural no Brasil. Mas é preciso não esquecer que a execução de um plano deste ou a realização de uma reforma como esta, deverá antes de tudo, atender a razões regionais, ou até mesmo a fatores meramente locais ...